SERMAM
EM HUM DESEMPENHO VOTIVO
AO
SS. SACRAMENTO,
ESTANDO EXPOSTO,

PREGADO

No Mosteyro de Santa Clara de Villa-Real

PELO P. Fr. MANOEL DE S. JOSEPH,
Prégador géral, & Presentado em Santa Theologia,
da Ordem dos Prégadores.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de PASCOAL DA SYLVA,
Impressor de Sua Magestade.

M. DCCXVII.

Com todas as licenças necessarias.

LICENÇAS

Da Religiaõ.

M. R. P. PROVINCIAL.

OBedecendo à ordem de V.P.M.R.li o Sermaõ,que prégou o R.P. Prégador géral Fr.Manoel de S.Joseph,Presentado na sagrada Theologia, Prior que foy seis vezes dos principaes Conventos desta Provincia,Secretario della,& seu Procurador na Curia Romana, no Mosteyro de Santa Clara de Villa Real,em hum desempenho votivo ao Santissimo Sacramento, estando este manifesto.E assim pela materia de que trata,como pelo desempenho com que sobre ella discorre, me parece muytas vezes digno de pelo prelo sahir a luz. Pela materia, pois nelle refere no modo possivel as virtuosas acções da veneravel serva de Deos Soror Leonor do Sacramento, Religiosa professa no mesmo Mosteyro, acreditadas com favores do Ceo,(quanto humanamente podemos entender)& naõ era razaõ, que estas se sepultassem todas no esquecimento; mas sim, que vivessem na nossa lembrança, para servirem a todos de exemplo,tanto mais efficaz em persuadir, quanto mais dos nossos dias. Tambem pelo engenho com que o Author nellas discorre,para que possa servir de norma aos mais Prégadores em semelhantes empenhos; pois neste Sermaõ acharáõ tres discursos tirados do Euangelho sem violencia, proseguidos com formalidade,ornados de conceytos não vulgares, provados com textos excellentes, com accommodações muy proprias, & palavras genuinas. Finalmente naõ sey que lhe falte cousa algũa para ser grande; & assim concluo com Cassiodoro, fallando a semelhante intento: *Frustra ad censuram proponitur, qui tantis titulis approbatus videtur.* Isto he o que sinto. Lisboa Occidental 8.de Mayo de 1717.

Cassiod. Ennod. lib.7. c. 19.

Fr.Pedro Monteyro.

POr ordem de V.P.M.R.li o Sermaõ,que no Mosteyro de Santa Clara de Villa Real, prégou o M.R.P. Fr.Manoel de S.Joseph,Prègador gèral, & Presétado em a sagrada Theologia,em hum desempenho votivo ao Santissimo Sacramento, estando este manifesto. E supposto,que para eu fazer juizo do Sermaõ,naõ era necessario mais,do que ler o nome do Author, porque jà com a Universidade de Coimbra estava convencido, de que o seu grande talento nascèra para encher o lugar do pùlpito: causa porque se precisou naquella grande Athenas de Portugal a santa Casa da Misericordia a eternizar nas estãpas (por não poder nas Estrellas) alguns dos seus Sermões,que, servindo de Magisterio para os seculos futuros, testemunha a justiça com que o respeytàra como a seu Oraculo nos tempos passados.

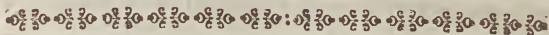
Com tudo, vendome agora entre mãos com este grande parto do engenho do Author,& naõ podendo formar juizo diverso, do que jà tinha formado; que esta he a natureza dos grandes Mestres, ou grandes rios, naõ lhe poder o mundo descobrir menos, senaõ tudo mais em todos os seus estados,como asseverou do rio Nilo Lucano *lib.*10. *Nec liquit populis parvum te Nile videre, &c.* achey, que o que só podia depor a V.P.M.R. com verdade, era o assombro, & a suspensaõ em que me deyxou a sempre admiravel Providencia de Deos, qual foy trazernos para a Corte hũa Obra, que verdadeyramente lhe estava roubada, por não poder caber na capacidade de hũa Villa, agora propriamente Real,depois que teve a fortuna de ouvir hum taõ Regio Prègador.

Do Padre Antonio Vieyra, aquelle grande Astro do firmamento da Companhia de Jesu, disse alguem,(& bem o podiaõ dizer todos) que os seus escritos foraõ occupaçaõ da fama cõ applauso em dous mundos,Europa,& America. Deve pois V.P.M.R.mandar se imprima logo este Sermaõ neste grãde Emporio do mundo,qual he Lisboa,assim como mandàraõ jà seus antecessores, se imprimisse outro em outro Emporio do mundo, qual he Coimbra; para que Universidade, & Corte, Cortesãos, & Academicos, quaes outros Soldados de Gedeaõ, levando

vandoem hũa maõ neſte papel a luz, & em outra o clarim,enchaõ, & occupem, naõ ſó os dous mundos,mas do mundo as ſuas quatro partes com o talento deſte grande homem, capacidade, engenho, & fortuna deſte grande Prègador. Eſte o meu parecer: V.P.M.R.farà o que for ſervido. S.Domingos de Lisboa 10. de Mayo de 1717.

O Doutor Fr. Antonio do Sacramento, Prior.

VIſtas as informações acima, damos licença para eſte Sermaõ ſe preſentar na Meſa do Santo Officio, & ſe poder imprimir, precedendo as mais diligencias neceſſarias. S.Domingos de Lisboa aos 12. de Mayo de 1717.

Fr. Domingos de Santo Thomàs,
Prior Provincial.

Do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

ESte Sermaõ naõ contèm couſa algũa, que repugne à noſſa Santa Fè, & bons coſtumes; pelo que me parece muy digno de ſahir a luz,como parto feliciſſimo do grãde engenho, erudiçaõ,& letras de ſeu Author. V.Eminencia mandarà o que for ſervido. Lisboa Occidental,& Congregaçaõ do Oratorio 13. de Julho de 1717.

Manoel Ribeyro.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr mandado de V.Eminencia li eſte Sermaõ, que no deſempenho de hum voto ao Santiſſimo Sacramento prègou o M.R.P.Fr.Manoel de S. Joſeph,Prègador gèral,& Meſtre Preſentado na ſagrada Theologia,ao preſente digniſſimo Prior Provincial da eſclarecidiſſima Ordem dos Prégadores; & logo que li o nome do Author,dey o Sermaõ por qualificado, o deſempenho por cabalmente ſatisfeyto: com razaõ logra o titulo de Prègador gèral taõ ſingular Prègador, que de

todos póde ser Mestre, equivocando a Cadeyra com o Pulpito no acerto com que explica os pontos da Theologia mais profundos; sendo filho de hũa Religiaõ, de quem he taõ proprio, como titular o appellido de Prègadores, que para muytos he só appellativo, elle o individua, & faz taõ proprio seu, como quem entre todos se singulariza, na agudeza com que inventa, madureza com que discorre, evidencia com que prova, propriedade com que falla, efficacia com que conclue.

Alèm de outros empregos da primeyra supposiçaõ, em que a sua Religiaõ occupou o seu grande talento, seis vezes foy Prior dos principaes Conventos deste Reyno, & em todos praticando em si, & nos seus, as maximas mais acertadas do zelo, & observancia religiosa; acreditando juntamente os Pulpitos, em todos deyxou estampado hũ adequado exemplar de Prelado dos Prégadores, a quem todos ao presente reconhecem por superior, dandolhe com universal applauso, (fruto de hũa taõ admiravel, como religiosa concordia) a primasia, que comsigo traz o elevado titulo de Prior Provincial de todos os Prégadores; mostrando a todas as luzes a genuina descendencia com que participa os resplandores do meu grãde Padre S. Domingos, a quem foraõ taõ naturaes os rayos, que antes de sahir a luz, jà desterrava trevas, tendo por precursores do seu nascimento a tres Soes, & outras tantas Luas, como diz Palmerio, para mostrar, que nascido hum só Domingos, sobejavaõ luzes para o mundo todo.

Na propriedade com que discorre sobre o altissimo mysterio do Sacramento, prova a legitima irmandade com o Sol das Escholas; ermanando seus discursos com os dogmas do Angelico Thomàs: nas tres finezas de Christo no Sacramento, fundamento dos seus discursos, primorosamente correspondidas pela veneravel serva de Deos Soror Leonor do Sacramẽto, mostra o fino do seu engenho, & igualmente o voto da serva de Deos desempenhado; & se o mayor extremo destas finezas, he fazer Christo, que pareça obrigaçaõ de justiça, o que era doaçaõ gratuita, para livrar da mayor pensaõ, que comsigo traz hũ beneficio, que he a divida do agradecimento; no elevado destes

discursos

discursos se faz tão justo acrédor do applauso de todos, que lhe saõ devidos de justiça os elogios, que para outros só poderiaõ ser encarecimentos da lisonja :] todos os q̃ lerem este Sermão, só hũa queyxa pódem formar do seu Author, & he, q̃ não dè à estampa os muytos que tem dado a luz; mas como o Sacramento, que deste he o objecto, he cõpendio dos mais mysterios, neste Sermão, como em compendio, dà o seu Author a conhecer a agudeza, discrição, elegancia, & erudição de que estão estofados os muytos com que authorizou os principaes pulpitos desta Monarchia; & sendo este Sacramento mysterio por antonomasia de Fé, que de sua natureza tem o ser escura, explica-se com tanta clareza, que me obriga a que repita, o q̃ do Doutor Maximo disse o grande Cassiodoro: *Resolutis ænigmatum nodis, ita fecit intelligi, ut magnum arcanum cælestis Regis humanis sensibus prius Doctor aperiat*: com estylo tão claro, & não vulgar, se dà a conhecer o primor da arte concionatoria neste Sermão, que àlem de serem tudo conforme à exposição dos Santos Padres, & sentidos da sagrada Escritura, para nivel, & modello por onde se possaõ regular os que quizerem prégar com fruto, & applauso; só julgo se deve dar ao prelo, para que possa vir à noticia de todos. V. Eminencia mandarà o que for servido. Lisboa, Collegio de Santo Antaõ da Companhia de Jesus 18. de Julho de 1717.

De Divina lect. c. 1

Henrique de Carvalho.

Pode-se imprimir o Sermão de que trata esta petição, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença para que corra, sem a qual não correrà. Lisboa Occidental 20. de Julho de 1717.

Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. R. Alancastre. Guerreyro.

Do Ordinario.

Pode-se imprimir o Sermão de que se trata, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, sem a qual não correrà. Lisboa Occidental 26. de Julho de 1717.

Cardoso.

Do

Do Desembargo do Paço.

APPROVAÇAM.

SENHOR.

POr mandado de V. Mageſtade vi o Sermão do Santiſſimo Sacramento, em que o P.M.Fr. Manoel de S. Joſeph não ſó deſempenhou o antigo voto da V. M. Soror Leonor de Tavora; mas tambem (o que era mais difficultoſo) a grande expectação, que havia de tão grande Prégador, jà então ſuperior a todos os Prégadores, que por iſſo depois com plauſivel concordia lhe cederaõ a primaſia no governo, para exemplo de todos os mais, que lhe pódem ceder a palma no pulpito. Job deſejava, que ſe eſcreveſſem, & imprimiſſem n'hum livro os ſeus Sermões: o Author neſte ſó Sermão deyxa imprimir hum grande livro eſcrito, não, como o de Job, com eſtylo de ferro, mas de ouro; não ſó pela precioſa affluencia de ſua erudição, & elegancia; mas porque em pequena quantidade, como ouro, nos dà ſubſtãcia de muyto preço, incluindo em hum ſó Sermão tres Panegyricos, hum do Sacramento, outro da veneravel ſerva de Deos, que fez o voto, & o terceyro, não intentado, mas nem por iſſo menos illuſtre, do meſmo Author, que ſó neſta, como nas mais obras ſuas, póde achar o louvor que merece. Para que o tenha na admiração de todos he juſto que eſte Sermaõ ſe imprima. V. Mageſtade mandar o que for ſervido. Lisboa Occidental 31. de Julho de 1717.

Pedro Alvarez.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impreſſo torne à Meſa para ſe conferir, & taxar, & ſem iſſo não correrà. Lisboa Occidental 3. de Agoſto de 1717.

Coſta. Botelho. Pereyra, Oliveyra. Noronha.

In me manet, & ego in illo. Joan.6.cap.

SENDO os Panegyricos todos ordenados a louvar virtudes,& manifestar actos heroicos, (Senhor) alguns ha pelas suas circunstancias taõ subidos,que nas admirações do silencio só pódem ser expressados; porque ha materias taõ elevadas,que as mesmas explicações as deyxão mais offendidas, por se naõ ajustarem as excellencias da sua grandeza cõ as mensuras da Rhetorica.Confessou esta verdade aquelle que no mundo se teve por mais elegante,& mais sciente: *Super omnes docentes me intellexi*; porque em certa occasiaõ disse, que o silencio mais profundo,era o Panegyrico mais ajustado: *Te decet hymnus Deus in Sion*: outra letra: *Tibi ò Deus silentium laus in Sion.*Como he possivel isto? Se o louvor havia de ser hum hymno cantado,como diz que ha de ser hum hymno mudo? *Silentium.*A' vista desta contrariedade,eu me persuado, a que David se devia de ver então, com o assumpto com que eu me vejo hoje. Senaõ vamolo contemplando, que claramente o iremos vendo. Era o empenho de David nesta occasiaõ hũa acçaõ de graças, as quaes (diz o meu Hugo no commento deste Psalmo) que a Deos as devem render, aquelles que tendo feyto algũa retirada,lhes deu o mesmoSenhor auxilio para tornar a voltar: *Illis quibus Deus dedit gratiam redeundi, debent ei gratias referre, & hymnos reddere.* Era a causa desta acçaõ de graças hum voto: *Tibi reddetur votum*, q̃ sendo feyto em Siaõ, havia de ser satisfeyto em Jerusalem: *Reddetur votum in Hierusalem*; & que voto este fosse,diz o mesmo Hugo, que fora hum voto do estado Religioso, no qual se professaõ tres cou-

Psal.64.

ſas, Caſtidade, Obediencia, & Pobreza: *Votum triplex (*diz elle*) continentiæ, obedientiæ, & paupertatis.* Eſte voto triplex, ou eſtes tres votos ſolemnes, adverte o meſmo David, os tinha feyto hum Beato, que Deos para Religioſo tinha eſcolhido, & queria perſeveraſſe nos clauſtros: *Beatus quem elegiſti, & aſſumpſiſti, habitabit in atriis tuis*: porèm o meſmo Hugo me dà fundamento para dizer, que o ſugeyto eſcolhido, era Beata, & não Beato, porque diz que Deos o eſcolhèra como Roſa entre as eſpinhas: (o que em texto expreſſo ſó ſe acha dito da Eſpoſa) *Sicut lilium inter ſpinas, ſic amica mea inter filias*; & acreſcenta Hugo q̃ eſte tal ſugeyto na Religião havia de perſeverar, inculcando algũa tentaçaõ, que poderia ter para ſahir: ouçaõ as palavras: *Beatus quem elegiſti ſicut lilium inter ſpinas ad intrandum clauſtrum, perſeverabit in religione.* Era finalmente eſta acçaõ de graças, ou eſta feſta promettida àquelle Senhor ſacramentado, porque em Siaõ havia de ſer o applauſo feſtivo, & ſabido he, que em Siaõ ſe deu aquelle Senhor ſacramentado: *Te decet hymnus Deus in Sion, in Sion perfecit myſteria nimirum ſui corporis, & ſanguinis,* (diz hum Moderno.) O que ſuppoſto, digaõ-me agora todos, ſe he eſte, ou naõ he o meu aſſumpto. Naõ ſabem neſta Villa todos, que Dona Leonor de Tavora achando-ſe Noviça neſte Religioſiſſimo Moſteyro, eſteve com a reſoluçaõ de deyxar o habito, & que tendo jà dado alguns paſſos para ſahir para fóra, aquelle meſmo Senhor (com muyto leve motivo) a fez tornar para dentro, & caminhando para aquelle coro, começou a render as graças àquelle Senhor ſacramentado, votandolhe eſte applauſo feſtivo, ſe elle, aſſim como lhe concedeo a graça de ſe tornar a recolher, lhe concedeſſe tambem a de profeſſar? Naõ ſabem finalmente todos, que vivendo a veneravel Madre neſte Moſteyro por eſpaço de trinta & tres annos, agora depois da ſua morte deſempenhou eſte voto hum ſeu amante ſobrinho? Tudo iſto he couſa ſabida. Logo venho eu a ter por aſſumpto, o meſmo que David teve por empenho, & ſe elle diſſe, que neſte caſo o melhor Panegyrico era o ſilencio: *Tibi ô Deus ſilentium laus*, hoje

tambem

tambem o silencio devia ser o mais ajustado Panegyrico; porq̃ as circunstancias que para elle concorrem, todos os discursos confundem. Eu confesso ingenuamente naõ só não sey como estes se possaõ formar, senão tambem o empenho como se possa satisfazer: porèm como o dizer he preciso, ficarà tudo o que disser desculpado; & assim digo, que com singular discrição prometteo Dona Leonor de Tavora àquelle Senhor sacramẽtado esta festa; porque as graças de hũa profissaõ Religiosa, só a elle saõ devidas; pois se por hũa profissaõ Religiosa se entrega hũa alma toda a Deos, & Deos se entrega todo a hũa alma: (como escreve Ozorio) *Sicut viri religiosi totos se Deo tradunt, ita Deus quasi se totum illis tradit*; isso mesmo he o que aquelle Senhor faz naquella mesa; porque entregandoselhe a elle hũa alma: *In me manet*, elle tãbem diz se entrega à alma q́ o cõmunga: *Et ego in illo*; & isto se veyo a verificar entre D. Leonor de Tavora, & aquelle Senhor; porque se aquelle Senhor foy todo della (como ella todos os dias lhe chamava, meu Deos,) ella em argumẽto de q́ era toda sua, Leonor do Sacramẽto se chamava; & se quando os desposorios saõ finos, pedem correspondencia amorosa nos extremos, o assumpto que hoje havemos de ter, seraõ os extremos do Sacramento correspondidos (do modo possivel) por Soror Leonor: porèm antes que entre no assumpto, protesto que não he a minha tenção dar culto, nem approvar alguns portentos desta veneranda Madre, até que a Igreja lhos naõ approve; porque à mesma Igreja subordeno quanto disser, advertindo não tenho mais authoridade, que a de hum fiel relator, do que pelo seu Confessor achey escrito, & por outras pessoas fidedignas qualificado.

Tom. 4. suorum concionum.

O primeyro, & principal extremo, que naquelle Sacramẽto se acha, he querer aquelle Senhor mostrar, que faz alli de justiça, a fineza que obra muyto de graça. (Eu me declaro, para q́ me entendão todos.) Pergunta meu Angelico Doutor, & Mestre Santo Thomàs no tratado dos seus Opusculos, que razão haveria, para que aquelle Senhor se désse alli occulto debayxo dos accidentes de paõ, & vinho, quando aliàs seria mayor a ve-

neração,& o respeyto, se se déra alli manifesto? *Cur hoc Sacramentum detur velatũ?* E responde o Santo Doutor deste modo: *Quia in hoc potius credere verbis suis, quàm sensibus nostris, magnum habet meritum.* Diz que foy, para que o extremo daquella fineza, não parecesse fineza, senão divida; não parecesse graça, senão justiça; porque dando nòs credito à sua palavra, (que affirma assiste alli realmente a sua Pessoa) & não à nossa vista, por naõ ser alli objecto della, ficasse sendo aquelle extremo amoroso, satisfaçaõ, & paga do nosso merecimento, & não fineza gratuita (como na realidade era) do seu amor infinito; & isto para que? Para acreditar mais o seu extremo, pois então ficão estes mais acreditados de finos, quando sendo obrados por querer, se pertende pareção satisfações de devedor, & se crea, que os taes extremos saõ paga, quando na realidade saõ fineza. O lugar me deyxarà explicado.

Quiz Christo exagerar o excesso do amor Divino, & disse, chegàra a tal extremo o excesso, que dera seu Filho Unigenito aos homens: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret.* E não deu tambem o Padre Eterno aos homens o Espirito Santo? Sim deu. Pois como não diz Christo, que o extremo consistira em dar o Espirito Santo, senão em dar seu Filho Unigenito? O Filho era o seu Amado: *Filius meus dilectus*, o Espirito Santo era o seu amor: *Amor Patris*, & se este era o que o constituhia dos homens amante, como naõ diz que o extremo do Eterno Pay se vio na data de amante, senaõ na data de amado: *Ut Filium suum Unigenitum daret?* He o caso, que a data do Espirito Santo, foy data gratuita do amor do Pay Eterno (que por isso se chama o Espirito Santo Dom: *Donum Dei,*) porèm o Filho Unigenito, de tal modo o deu ao mundo, que sendo data gratuita, quiz mostrar a dava obrigado. A data do Espirito Santo foy conhecidamente graça; porèm a data do Filho quiz que parecesse justiça. Para mais clara intelligencia he necessario advertir o motivo, que o mesmo Padre Eterno teve, para mandar ao Patriarcha Abraham, q lhe sacrificasse a seu filho Isaac (que diz o doutissimo Lopes) foy

Joan. 3.

Son. 11. numer. 2084.

foy para que quando os homens viſſem a ſeu Unigenito Filho offerecido em ſacrificio no Calvario, naõ ſe perſuadiſſem que aquella fineza era totalmente gratuita, ou gracioſa; era ſim hũa obrigação ſatisfactoria da fineza q̃ Abraham tinha obrado no monte Moria; pois ſe elle lhe quiz ſacrificar hum filho neſte monte, em outro monte mandou o Padre Eterno ſacrificar a ſeu Unigenito Filho. Ouçaõ com elegancia o Douto: *Quoniã magna erat danda hominibus gratia, volens non quaſi ex gratia, ſed ex debito juſtitiæ facere, perſuaſit primum homini ut filium ſuum traderet, ut nihil magnum ipſe videatur facere, filium ſuum tradendo.* Naõ ſe póde dizer mais ſubido, nem mais claro. Temos logo, que a fineza de dar o Eſpirito Santo foy mera graça, & a fineza de dar o Filho foy manifeſta juſtiça, porque foy paga de outra fineza. Diga logo Chriſto; que o extremo mayor do Padre Eterno, naõ eſteve em dar aos homens o Eſpirito Sãto, ſenaõ a ſeu Unigenito Filho: para que ſe deſenganem todos, que o quilate mais ſupremo do amor, naõ conſiſte na fineza voluntaria com que obriga, ſenão em moſtrar obra por juſtiça, o meſmo que he fineza: *Sic Deus dilexit, &c.*

A razaõ diſto he; porque quem obra hũa fineza de graça, deyxa obrigada a peſſoa por quem a obra; porèm quem obra a fineza como de juſtiça, deſobriga a peſſoa que a recebe, porq̃ moſtra que a fineza he divida: quem paga, moſtra-ſe devedor; quem obriga, moſtra-ſe acrédor; & naõ ſe acredita o amor, quãdo pertende obrigar, acredita-ſe ſim, quãdo ſe cõfeſſa devedor. Naõ havemos de ſahir do myſterio para deyxar o penſamento provado. Dando-nos aquelle Senhor o ſeu Corpo naquella Hoſtia, & o ſeu precioſo Sãgue no Caliz, diſſe pela boca de David, que o ſeu amor ſe moſtràra mais excellente na data do Sãgue, do que na data do Corpo: *Calix meus inebrians quàm præclarus eſt?* Pois o Sangue naõ he do meſmo ſugeyto de quem he o Corpo? Naõ tem duvida. Logo ſe he do meſmo Senhor o Corpo, & o Sangue, que razaõ ha para dizer, que o ſeu amor na data do Sangue moſtrou mayores quilates? He o caſo: que aquelle Senhor, dãdo-nos o ſeu Corpo, obrigou-nos, dando-nos

 o ſeu

o ſeu Sangue moſtrouſe elle obrigado. Dando-nos o ſeu Corpo obrigounos, porque no lo deu muyto de amor em graça, pois nenhũa obrigaçaõ tinha, para nos dar o ſeu Corpo naquella Meſa: porèm dando-nos o ſeu Sangue, deunolo como divida de juſtiça, porque ſuppoſto o preceyto que tinha do Pay Eterno, para remir com o ſeu Sangue o mundo, para dar o Sangue eſtava Chriſto obrigado. Temos logo, que na data do Sangue ſe moſtrou Chriſto devedor, porque *ex ſuppoſitione præcepti*, eſtava obrigado a ſatisfazer; & na data do Corpo ſe moſtrou Chriſto acrédor, porque nos quiz dar o que nos naõ devia dar. Diga logo, que na data do Sangue ſe moſtrou o ſeu amor mais excellente; para que ſe veja, que do amor a mayor fineza, he aquella com que paga, & naõ aquella com que obriga; he aquella, q́ ſendo fineza, ſe obra como ſe ſe devera de juſtiça, & naõ aquella que ſe obra como indebita, & de graça: *Calix meus inebrians quàm præclarus eſt!*

Sendo pois taõ grande a fineza daquelle Senhor ſacramentado, a Madre Soror Leonor do Sacramento, parece foy emula daquella fineza; porque todo o ſeu empenho foy moſtrar, que inda as finezas que obrava, naõ eraõ finezas, ſenaõ divida; & vio-ſe eſta verdade provada, na fineza que fez por amor de Deos, querendo ſer Religioſa, pois nenhum outro fim conſidero em moſtrar que queria ſahir do Moſteyro (quando tão voluntariamente tinha nelle recebido o habito) ſenaõ querer perſuadir, que o ſer ella Religioſa naõ era fineza ſua, era ſim obrigada de Deos. Se ella entrando no Moſteyro perſeveràra, entenderſehia que era ſua a fineza; porèm moſtrar ella q́ queria ſahir, & ao depois tornarſe a retractar, foy querer que o mundo conheceſſe, que ſe ella largava o mundo, era porque Deos a chamava, & aſſim ficava no Moſteyro pela vocaçaõ q́ Deos lhe fazia. Fundo-me para o entender aſſim, em que ella no ſeculo tinha muyto mayores mortificações, que no Moſteyro; pois eſtando em ſua caſa, (ſenaõ era mayor) era igual a abſtinencia, havendo em ſua caſa de tudo grandes abundãcias; eráo naõ menos no numero, que no rigor, as diſciplinas, os cilicios,

& a oraçaõ taõ continuada, que a testemunhavaõ os joelhos, porque eraõ duas chagas vivas, sobre serem mais custosas, não tanto pelo que padecia, quanto pelos recatos com que as dissimulava, para que ninguem soubesse em casa os exercicios que tinha. Agora digo assim: Se as mortificações, & os apertos voluntarios eraõ mayores fóra, que dentro no Mosteyro, segue-se que os apertos do Mosteyro naõ eraõ os q̃ a obrigavaõ a querer sahir para o seculo; & assim necessariamẽte havemos de dizer, q̃ foy nella a resoluçaõ de sahir, mais capa para occultar a sua fineza, que vontade deliberada; porque quiz que todos entendessem, que o ficar ella no Mosteyro parecia violencia doce do seu Esposo, & naõ acto livre, & voluntario. Logo parece quiz competir com aquella fineza sacramentada, que se a daquelle Senhor he querer persuadir obra alli por justiça o mesmo extremo de se entregar aos homens tanto de graça; a Madre Soror Leonor quiz que o extremo de se entregar a Deos tanto de graça, (professando o estado de Religiosa) parecesse a todos era nella obrigaçaõ de justiça; mas por isso ella ficou sendo Leonor do Sacramento, & aquelle Senhor sacramentado ficou sendo todo de Leonor, porque assim lhe soube corresponder. Hum só texto tudo nos ha de provar.

Naõ só por finos decantados, senaõ tambem correspondidos, foraõ os extremos entre a Alma Santa, & o Esposo, que se viraõ muytas vezes ambos equivocados, pois foy muytas vezes necessario aos sagrados Interpretes fazerem declarações, q̃ hũas vezes as palavras erão do Esposo: *Hæc sunt verba Sponsi ad Sponsam*, & outras vezes, q̃ as palavras eraõ da Esposa para o Esposo: *Hæc sunt verba Sponsæ ad Sponsum*: porèm sendo estes taõ extremosamente amantes, & taõ finos correspondentes, em hũa occasiaõ acho desmentida esta sua correspondencia; porque buscando o Esposo a Esposa, ella lhe naõ quiz abrir a porta: *Lavi pedes meos, quomodo coinquinabo illos?* Vendo o Esposo este desabrimento, diz o Texto, que se retiràra: *At ille declinaverat atque transierat*; & a Esposa arrependida, se levantàra logo da cama, buscando-o por todas as ruas, atropellando os

Setto: mayor.

Cant. 5.

os infortunios de roubada,& as crueldades de ferida: *Surrexi ut aperirem dilecto meo,quæsivi illum, invenerunt me vigiles, percusserunt me,tulerunt pallium meum.* Cõfesso naõ entendo as incoherencias desta Esposa. Naõ era esta a mesma que confessava que morria de amores pelo seu Esposo? Naõ era a mesma que pedia a todas as q̃ encõtrava,que se vissem o seu Amado,lhe dissessem,que a sua ausencia a tinha enferma no leyto? Ella o disse: *Adjuro vos filiæ Hierusalem,si inveneritis dilectum, dicite ei, quia amore langueo.* Pois se desejava tanto a sua presença,como lhe naõ abrio a porta quando elle a buscava? E supposto lhe naõ quiz abrir,como logo o foy buscar? Seria isto achaque de mulher, que se nega quando pertendida, & busca depois de deyxada? Naõ por certo; porque isto naõ o havia de fazer hũa Alma,que era Santa, a hum Deos que a buscava para Esposa. Logo que mysterio podia haver,em naõ lhe querer abrir,& logo buscallo? Eu o direy. Andavaõ estes dous Esposos em competencia amorosa,sobre qual delles havia de exceder nas finezas, & por isso lhe naõ quiz abrir, para depois o buscar; porque se ella buscàra primeyro o Esposo, fazia hũa fineza de graça; porèm buscando o Esposo depois delle a buscar a ella, fazia hũa fineza de justiça,(por ser de razaõ, & de justiça,buscar cada hum a quem o busca) & como o realce da fineza està em fazella de modo,que a fineza pareça divida,por isso a Esposa de graça naõ quiz abrir,para que parecesse nella divida o buscar: *Surrexi,quæsivi illum*,& ficasse estabelecido, que este era do amor o mayor extremo.

Naõ he isto o mesmo que succedeo a Soror Leonor do Sacramento? A mim me parece o mesmo; porque buscando-a aquelle Senhor,inspirandolhe o ser Religiosa,ella mostrou lhe naõ queria abrir as portas da alma, supposto mandou abrir as do Mosteyro para sahir para fóra; de facto naõ chegou a sahir, mas logo ao seu Esposo foy buscar da grade daquelle coro,rédendolhe as graças como obrigada, & promettendolhe esta festa, para que a sua fineza extremosa tivesse as apparencias de divida,quãdo o ficar,& o buscar foy fineza:mas assim havia

de

de ser, para se desposar com aquelle Senhor, & para alli lhe corresponder; porque se elle alli he amante tão fino, que dando tudo, & dando-se a si mesmo, mostra ser elle o obrigado, Soror Leonor tambem se devia mostrar obrigada (ainda quãdo toda se lhe offerecia) para corresponder àquella fineza, & por isso com aquelle Esposo tão unida, que parece identificada, pois sẽdo ella Leonor do Sacramẽto, ficou sendo seu aquelle Senhor sacramentado: *In me manet, &c.*

A segunda fineza que faz alli aquelle Senhor sacramentado, he darse aos homens em sustento: *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus*; & he esta fineza tão extremosa, que achou o Doutor illuminado, fora esta a mais estupenda fineza: *Quàm stupenda, quàmque ineffabilis est erga nos charitas illius, qua hunc modum invenit,* (disse elle.) Teve razão, porque dar Deos sustento aos homens era obrigação de Creador: *Quia qui dat esse, dat consequentia ad esse*; porèm darse elle mesmo aos homens em sustento, isto he do amor o mayor extremo. Que aquelle Senhor se désse em sustento aos Anjos, grande fineza fora, porèm menos para admirada, porque saõ as creaturas mais puras; mas que se désse em sustento aos homens, aos pobres, aos sugeytos mais vis, & bayxos, isso he cousa taõ maravilhosa, q̃ leva a admiração toda. Disse-o meu Angelico Mestre: *O res mirabilis! Manducat Dominũ, pauper, servus, & humilis*; & cresce mais a fineza na singularidade com que nos deu, & nos dà aquella iguaria; porque quando se quiz dar sacramentado, diz o Euangelista, que tomou o pão em suas sagradas mãos, & em virtude de quatro palavras o transubstanciou em Corpo seu: *Hoc est Corpus meum.* O q̃ supposto, entra a minha especulação a averiguar a causa, porque aquelle Senhor nos quiz dar aquella iguaria em virtude de quatro palavras, (que lhe sahirão da boca) quando sem dizer palavra nos podia dar aquella delicia. E o que pude alcançar, ou o que vim a entender foy, que como Christo naquelle mysterio transcendeo as finezas do amor todo, quiz se visse não só era a mayor fineza darsenos sacramentado, senão em tirar da sua boca, o que nos dava por sustento;

Tauler. Serm. 1. Corp. Christ.

& porque não cuydem, que isto sómente he dito, ouviráõ agora ao mesmo Christo, que me deu o fundamento: *Non in solo pane vivit homo*, (disse elle ao demonio) *sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.* Quer dizer: Não só consiste o sustẽto do homem no pão, senão nas palavras que sahem da boca de Deos. (Jà sabem, que Deos não tem boca, & assim se devem entender as palavras que havião de sahir da boca de Christo.) Que palavras estas fossem, diz o sapientissimo A Lapide, que forão as da consagração, mediante as quaes se dà a si mesmo sacramentado: *Sed in omni verbo, id est, Christo, seipso, suaque carne, & Deitate in Eucharistia.* Temos logo, que o manjar que Christo nos dà naquella Mesa, para no lo haver de dar o tirou da sua boca, & he este excesso da charidade tão extremoso, que me atrevo a dizer faz mais heroico o amor de Christo naquelle Sacramẽto.

Sup. cap. 4. Matt.

Chegarão em Capharnaù a S. Pedro hũs rendeyros tão executivos, como queyxosos, de q̃ Christo lhes não pagava o tributo, que a Cesar pagavão todos os povos, & o ameaçàrão, q̃ se não quizesse pagar por graça, o obrigarião a pagar por justiça: (que esta casta de gente, nem a hum Christo perdoa.) Perguntou Christo aos Discipulos, sobre que era o litigio, & dizendolhe, que era sobre pagarem o tributo a Cesar, mandou Christo a S. Pedro, fosse logo ao mar, & lançasse o seu anzol, q̃ nelle havia de tirar hum peyxe, em cuja boca havia de achar com que satisfazer o tributo, & pagaria por ambos: *Da eis pro me, & te.* O Abulense quer, que não só por Christo, & Pedro forão os rendeyros pagos, senão tambem pelos mais Discipulos: *Pro singulis Apostolis solutum fuit.* Deyxo o muyto que aqui podia dizer neste passo, & vou ao que me chama o doutissimo A Lapide com hum seu dito; porque disse, que nesta occasião obràra Christo hum acto heroico: *Christus hìc elicuit actum heroicum.* Confesso, que o não entendo; porque ou este acto heroico consistio na pontualidade de pagar, ou no milagre da moeda na boca do peyxe se descobrir, & nenhũa destas acções se pódem chamar heroicas; porque nenhũa deyxou de ser em Christo muy ordinaria. Em primeyro lugar o não foy, o pagar a

Matth. 17.

Citad. o A Lap. hic.

Cesar

Cesar o tributo,porque me lembra, que em outra occasião tinha dito Christo,que era divida de justiça pagar a Deos, o que era de Deos, & pagar a Cesar,o que era de Cesar: *Reddite ergo quæ sunt Cæsaris, Cæsari,& quæ sunt Dei, Deo*;(& não póde chamarse acção heroica,aquella que he divida de justiça.)Não póde tambem ser acto heroico o milagre do dinheyro, porque fazendo Christo muytos,& mayores prodigios, não vejo que nenhum fosse acclamado por heroico: logo que singularidade houve neste,ou com que fundamento disse o A Lapide, que Christo nesta occasião obràra hum acto heroico? *Christus hic elicuit,&c.* Eu confesso não soubera responder, se me não dèra luz para a reposta o meu Hugo Cardeal. Diz elle,que este peyxe,que pescou S.Pedro,era figurativamente o mesmo Christo: *Eum piscem,qui primus ascenderit,tolle,id est, Christum*: & q̃ fez Christo no peyxe figurado? Tirou o dinheyro da boca para remediar,& remir aos Discipulos: *Pro singulis Apostolis solutũ fuit.* Pois Christo para remediar pobres,& necessitados,tira da boca o subsidio? diga-se,que nessa occasião obrou Christo hũ acto heroico,que se aquillo se chama heroico, q̃ excede o modo ordinario,se veja,que a charidade mais fina, & mais extremosa,consiste em tirar da boca o remedio para acodir à pobreza: *Christus hìc elicuit, &c.*

Quem não admira esta fineza de Christo,não sabe q̃ cousas saõ finezas,que se bem as soubera conhecer,por divina se havia esta de avaliar; pois se ensina a experiencia, que se não repàra no mundo em roubar por acodir à boca;haver quem tire da boca para remediar a necessidade alheya,isto he acção que parece divina,porq̃ se não vè nos individuos da natureza humana. Parecerey encarecido,mas hũ Texto o deyxarà qualificado. No retiro de hum deserto se achou Christo acompanhado de muyto povo faminto,& querendo acodirlhe com o remedio, consultou como se lhe poderia dar sustento: *Unde ememus panes, ut manducent hi?* Houve grãdes difficuldades no caso,porque alli nada se vendia,(& ainda que o houvera) o dinheyro tambem faltava,com que os pobres perecião. Quando sahio Santo

Joan. 6.

Andrè com a noticia,de que na companhia estava num moço, que tinha cinco pães,& dous peyxes; mas isto vinha a ser nada,para matar tanta fome.Isto não obstante, tomou Christo os pães nas mãos,& de tal modo se multiplicàrão, que todos comèrão até mais não querer, & doze alcofas sobejàrão, que se mandàrão guardar.Este foy o caso.Entrão agora os Expositores a averiguar quem foy este moço,que deu o pão, & os peyxes para comerem os famintos. Muytos dizem, q̃ fora S. Marçal; porèm o doutissimo Lyra diz, que este moço fora Moysés: *Puer est Moyses.* Como podia ser isto? Moysés, que viveo no tempo da Ley Escrita,podia ministrar,ou dar o paõ no tẽpo da Ley da Graça? Moysés, que já estava no Limbo, podia offerecer o paõ,& o peyxe no deserto? Como he isto intelligivel? Eu o direy.Que he o que fez este moço? Achando se cõ cinco pães para elle comer,os foy offertar a Christo, para que acodisse à necessidade dos mais:(pois do Texto nem consta,q̃ a este moço os pedissem, nem que por ordem de Christo lhos tirassem) o que diz o Texto he,que Christo os recebeo, final evidente,de que o mesmo moço os offertou: *Accepit Jesus panes.* Pois (diz Lyra) este moço não podia deyxar de ser aquelle velho; este moço só podia ser Moysés do outro mundo; porque se Moysés no mundo foy Vice-Deos nomeado: *Constituo te Deum Pharaonis*,só hum sugeyto da carne já despido, ou hum homem divinizado,podia obrar tal extremo, qual he o tirar o paõ da boca propria, para remediar a necessidade alheya;& com razão,porque pedindo a boa ordem da charidade começar por si: *Incipit à se ipsa*,haver quem corte por si, só por remediar a outro,isso he transcender a charidade humana, & mostrar hũa charidade divina: *Est puer hic, qui habet quinque panes. Puer est Moyses.Constituo te Deum Pharaonis.*

Lyra hic.

A' vista do que tenho dito,que querem agora que diga da veneravel Madre Soror Leonor do Sacramento, senão q̃ parece competio com a fineza do seu Esposo sacramentado?pois se elle tirou da sua boca o manjar que nos dà naquella Mesa; Soror Leonor não só dava aos pobres quanto tinha, & quanto

seus

seus parentes lhe davão,(que não era pouco)senaõ inda aquillo mesmo q̃ tinha para comer,o tirava da boca, para remediar as necessidades daquelles,que ao Mosteyro hiaõ a pedir, & cõ tal excesso,que algũa vez foy necessario fazer Deos hũ milagre para lhe matar a fome.Era a Madre D.Maria Rosa,a Religiosa com quem Soror Leonor tinha no Mosteyro mais confiança, de sorte,q̃ quando se via mais necessitada,a ella só recorria,pedindolhe hum bocado de paõ para o sustento preciso,& indo à sua cella pedirlho,a tempo q̃ a naõ achou na cella,achou nella só hũ bocadinho taõ pequeno,q̃ esteve com a resoluçaõ de deyxallo,por naõ ser sufficiente: porèm confiada em Deos começou a comer,& naõ só ficou saciada, senaõ excedèraõ as sobras à quantidade q̃ achàra.Mas assim havia de ser, q̃ se no bãquete do deserto foraõ mais os sobejos,que os pães, q̃ o moço tinha dado,porque se deraõ a tantos necessitados,& famintos;naõ he muyto,que tambem nesta occasiaõ se visse o paõ multiplicado; hũa vez que foy para sustento preciso,de quem tinha tirado o seu da boca,para remediar hũa necessidade alheya. Confesso,q̃ inda que a veneranda Madre naõ tivera mais que esta virtude, esta bastava para que em vida se visse jà beatificada. Naõ sou eu o que o digo;David o deyxou provado.

Beatus qui intelligit super egenum, & pauperem,disse elle:Eu tenho por homem santo,tenho por bemaventurado,aquelle q̃ entende a necessidade do pobre: (isto agora mal se entende)se dissera,q̃ era beato aquelle que remediava a necessidade do faminto,estava bem; mas dizer,q̃ de beato se acreditava aquelle que a entendia: *Qui intelligit?* inintelligivel parece; mas vamos à Filosofia,que por ella conheceremos,o que até aqui naõ penetramos.Dizem os Filosofos,q̃ o nosso entẽdimento de tal modo se transforma naquillo q̃ entendemos,que se o entendimento entende hũa pedra,fica pedra o nosso entendimento:*Intellectus intelligendo lapidem,fit lapis*.Donde se segue,q̃ aquelle que entẽde a necessidade do pobre,de tal modo se transfórma na sua pobreza,& necessidade,que como pobre chega a pedir, porque tudo vem a dar; & dar hũa creatura o q̃ tem por amor

Psal.40.

de Deos, com tal prodigalidade, q̃ lhe seja necessario o pedir, para haver de se sustentar, he hum lance de charidade taõ extremoso, que em vida achou David se lhe podia chamar beato: *Beatus qui intelligit, &c. Intellectus intelligendo, &c.*

Não he isto o que fazia Soror Leonor do Sacramẽto? Muytos o testemunhàrão, & o affirmão hoje, porq̃ assim se despojava de tudo, por acodir às necessidades dos proximos, que se precisava a pedir, para haver de se sustentar; sendo ella a mais bem provida para dispender, ella se punha tão pobre, que como pobre se punha a pedir. Logo bem se póde dizer, q̃ este excesso de charitativa, a tinha no mundo beatificada; mas como não havia de ser assim, se he este extremo de charidade tão elevado, que não parece humano, senão extremo divino; não parece procedido de graça limitada, senaõ de graça infinita? Escrevendo o Apostolo S. Paulo aos esmoleres de Corintho, lhes disse assim: *Vos scitis gratiã Domini nostri Jesu Christi, qui propter vos egenus factus est, cum esset dives.* Vòs sabeis muyto bem a graça de N.S. Jesu Christo, que sẽdo rico, por amor de vòs se fez pobre. Não reparo em que o extremo da charidade de Christo, o deyxasse pobre, & de tudo exhausto, porque ninguem ignora, q̃ elle nos deu tudo (& basta chegar a darse a si mesmo;) o em q̃ reparo he, em dizer o Apostolo, q̃ os Corinthios sabião muyto bem a graça de Jesu Christo; porq̃ primeyramente a graça he invisivel, & não se póde conhecer, & àlem disso a graça de Christo era de Christo, era de Deos, & Senhor. Logo se era a sua graça infinita, como podia ser conhecida a sua graça: *Vos scitis gratiam Dei*? Sabem como? pelos effeytos, porque se não póde comprehender a sua graça o nosso entendimẽto, pelos effeytos póde conhecer a sua graça. Quaes forão os effeytos della? Disse-os o Apostolo: *Cum esset dives, propter nos egenus factus est.* Sendo rico, tudo nos deu, & ficou pobre; & ficar no estado de pobre, só por dar aos pobres tudo, isto achou o Apostolo era hũa charidade tão excessiva, q̃ se não compadecia cõ hũa graça limitada, antes era demonstração de hũa graça infinita: *Vos scitis gratiam Dñi nostri Jesu Christi, qui propter vos egenus, &c.*

2. ad Corint. 8. n. 9.

Eu

Eu bem sey naõ posso dizer de Soror Leonor do Sacramẽto, q́ teve infinita graça, porque era creatura, mas achou a pobreza nella tanta graça, q́ pelo muyto q́ della recebia, parecia infinita a graça, porq́ naõ tinhaõ termo as esmolas: mas assim havia de ser; porq́ se o que se dà, por esmola se recebe, nunca se havia de terminar o dispendio, porq́ havia de ser cõtinuo o recibo. Vese este prodigio claro naquelle mysterio, pois dando-se alli todos os dias, & a todos, disse q́ sacramentado sò se havia de dar atè se acabar o mundo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* E porq́ naõ ha de haver mais Sacramento, q́ atè este tempo? Porq́ razaõ se naõ ha de dar sacramentado, senaõ atè o dia do Juizo? Direy o q́ entendo: He porq́ entaõ naõ ha de haver a quem se possa dar, & faltando ao Senhor quẽ o receba, o q́ tem para dar, parece acaba: *Usque ad consũmationem sæculi;* & se esta foy a sua liberalidade, ou a sua charidade excessiva naquella Mesa, que para saciar os pobres tirou aquelle manjar da boca, (como jà vimos) & a charidade da nossa serva de Deos a este extremo se extendia, cõ razão dizia eu, que parece houve competencia entre Christo, & Soror Leonor do Sacramẽto na charidade para com os necessitados, & famintos; porq́ vemos o extremo correspondido, inda q́ haja differença nos extremos: & se os pobres saciados, (disse David) q́ haviaõ de romper em hũ acto gratulatorio: *Edent pauperes, & saturabuntur, & laudabunt Dominũ,* naõ he muyto, q́ Soror Leonor do Sacramẽto promettesse àquelle Senhor esta acção de graças, porq́ se elle alli he penhor da gloria: *Futuræ gloriæ pignus,* jà nella se verà saciada pela charidade excessiva, q usou cõ a pobreza, & com o seu Esposo unida na gloria, assim como naquelle Sacramẽto se une cõ as suas Esposas por graça: *In me manet, & ego in illo.*

A terceyra fineza, q̃ fez aquelle Senhor sacramentado, foy mostrarse taõ amante de q́ tinha padecido por nosso remedio, q́ estando alli na realidade vivo, quiz q́ o considerassem morto: *Recolitur memoria passionis ejus.* E porq́ razaõ quereria aquelle Senhor, q́ o contẽplassemos alli morto, estando alli na realidade vivo? Temola no Euangelho: *Sanguis meus verè est potus,* disse

disse aquelle Senhor, q́ nos queria dar alli o seu sangue liquido; porq́ nos queria dar o seu sangue potavel: *Verè est potus*; & como aquelle Sacramento he o Sacramento das finezas, achou q́ nenhũa faria, dando-nos o sangue liquido de hũ corpo vivo; faria sim grande fineza, dãdo-nos o sangue liquido de hũ corpo representativamente morto: & a razão he; porq́ se se naõ póde chamar fineza, senão aquella acção, q vence algũa repugnãcia, dar sangue liquido hũ corpo vivo, isso he natural; porèm dar sangue liquido hũ corpo morto, naturalmẽte não póde succeder; & assim esta repugnancia vencida, he a q́ tem o nome de fineza, & por isso quiz aquelle Senhor o considerassemos alli morto, para que no sangue potavel, & liquido, conhecessemos alli o seu extremo.

Contemplando o Doutor Mellifluo, o golpe q́ a Christo deraõ no peyto, disse, q́ naquella ferida se acreditàra mais a sua fineza, porq́ lhe chamou ferida do amor por antonomasia: *Vulnus amoris*. Venero a authoridade, mas não posso deyxar de estranhar a singularidade. As mais feridas do corpo de Christo não forão por amor levadas? Não tem duvida. Pois como só a do lado por ferida do amor se reputa? He o caso, q̃ as mais feridas deraõ sangue liquido por nosso amor, estando o corpo vivo; porèm a ferida do lado deu sangue liquido estãdo jà o corpo morto: *Ut viderunt eum jam mortuum, unus militũ lancea latus ejus aperuit, & continuò exivit sanguis*: & achou o Doutor Mellifluo, q́ dar sangue liquido hũ corpo vivo, isso não era extremo, porq́ era natural no corpo; porèm dar hum corpo morto sangue liquido, isso só era do amor extremo, por ser à natureza contrario: *Vulnus amoris*.

Quem não dirà jà, q́ Soror Leonor do Sacramẽto foy emula das finezas de Christo sacramẽtado, se vimos jà algũas correspondidas, & esta agora apparentemente emulada, pois sabe toda esta terra, q́ do seu corpo depois de quarẽta horas morto, sahio sãgue taõ liquido, como se estivera animado? Todos o sabem, & o sangue em alguns lenços inda hoje existe; q̃ senão faltou no Calvario quem colhesse o sangue do lado de Christo, q́

diz o Metaphraste o colheo a Virgem Maria Senhora nossa: *Beata Virgo aquam, & sanguinem multa cum reverentia collegit*, naõ faltou tambem neste Mosteyro, quem ensopasse nelle hum lenço, quando pelos golpes de hũa lanceta sahio, estando para se enterrar no Capitulo. Muytas differenças houve em hum, & outro golpe, & ha tambem em hum, & outro sangue. Nos golpes, porque o do lado de Christo deu-o o odio enganado, & o de Soror Leonor deu-o o amor para desengano; o de Christo foy feyto com hũa lança, o de Soror Leonor com hũa lanceta; o de Christo para se manifestar aquelle mysterio: *De latere Christi exierunt Sacramenta*, o de Soror Leonor para se acreditar este Mosteyro; o sangue de Christo para remedio do mundo todo: *Redemisti nos Deus in sanguine tuo*, o sangue de Soror Leonor, para medicina de alguns enfermos, (pois affirmaõ pessoas fidedignas, que alguns que bèberaõ agoa, em que o lenço sanguinolento se tinha mettido, sem mais outro medicamento livràraõ.) Protesto neste, & nos mais casos, o mesmo que protestey no exordio deste assumpto, & que naõ faço equiparancia de hum, & outro sangue, porque o de Christo he no valor infinito, & o de Soror Leonor na virtude limitado, & debayxo deste protesto, se deve entender tudo aquillo que entrar neste discurso; pois a emulaçaõ nas finezas, naõ he mais que por semelhança; & se esta no sangue de Abel, & o de Christo naõ foy censurada, pois disse Origenes, que tiveraõ sua semelhança: *Sanguis Abel typus fuit sanguinis Christi*; se a mesma teve o sangue de Joseph, como disse Santo Ambrosio: *Idem significat sanguis Joseph, qui exquiritur*; & o de Job como escreveo a luz da Igreja Santo Agostinho: *Idem significat sanguis Job non operiendus*; & finalmente (o q̃ he mais) se naõ incorreo na censura de indecencia, dizerse, que o sangue do novilho, do cordeyro, & o do hirco, tivera com o de Christo semelhança, & delle foy manifesta figura, só a ignorancia poderà agora estranhar, aquillo que eu neste ponto disser. Vamos agora ao ponto.

Citado do Sylv.

Citados todos de Lauretto v. Sang.

No dia que efpirou a veneravel Madre Soror Leonor, diffe diante do feu Confeffor, & das Religiofas que affiftiaõ, que fe fentia com o coraçaõ tão ferido, como fe lho tiveraõ atraveffado com hum dardo, & que aquelle golpe rigorofo era o que lhe tirava os ultimos alentos. Mas quem daria a Soror Leonor efte golpe? Eu differa, que foy o feu Chrifto do Capitulo; & para faberem o fundamento com que o digo, he neceffario referir lo cafo. Acha-fe no Capitulo defte Mofteyro hum Chrifto, que dos amores, & orações de Soror Leonor era o total emprego, & nelle foy o cadaver fepultado. No tempo que efte fe efteve amortalhando, ficou dos horrores da morte, que fe via nelle, grande fermofura, a qual não tinha tido vivente; tão flexivel, & maneavel, que não fó confervava os braços, & as mãos donde lhos punhão, (o que fe tem vifto em muytos) mas o que em nenhum fe vio, & foy, que ella por fi levou a mão à boca tres vezes, (ou porque della tirava na vida, o que havia de dar à pobreza, & os inftrumentos da efmola não acabão) ou porque queria pedir às que affiftião, tiveffem filencio no que viffem. Impacientes eftas com a acção repetida, lhe dobràrão o braço, & lhe mettèrão a mão debayxo do corpo, para que não tornaffe a levantalla; porèm foy baldada a diligencia, porque outra vez a tornou a tirar, & fó lha pudèrão fufpender com a violencia de lhe atarem as mãos ambas. O que fuppofto, eu me vim a refolver nefte cafo, que o fim defta acção preternatural, não era ordenada mais que a pedir filencio; porque nem em vida, nem na morte, quiz que acção de virtude fua fahiffe a publico; & não fey fe por efta caufa, fendo encomendado efte Sermão a dous Prégadores grandes, hum morreo tendo jà feyto o Sermão, outro foy tirado para parte tão remota, que o não pode prégar; & efte paffa de tres annos que foy prégado, fem poder fahir a luz por renitencia minha, fobre outros mais impedimentos. Perdoem a digreffaõ, & vão comigo agora a contemplar o mayor cafo. Vendo efte congreffo Religiofo, & os Miniftros Ecclefiafticos (que obrigados dos prodigios, entrà-

rão

rão a examinàllos no coro de bayxo, presentes os Medicos) resolvèrão, que se examinasse o corpo por meyo de hũa lanceta, se estava jà tributario à morte, ou se conservava ainda a vida. Fez-se a diligencia, & averiguouse estar a vida acabada, porque ficou enxuta a lanceta. A' vista do desengano se levou o cadaver para o Capitulo, para nelle ser sepultado, & apenas o collocàrão nelle, quando pelos golpes da lanceta começou a correr o sangue em tal quantidade, & liquido, que ensopou muytos pannos, & lenços. Este he o caso. Agora a razão do meu conceyto. Quem matou a Soror Leonor do Sacramento, foy o Senhor do Capitulo; porque se ensina a experiencia, que o morto à vista do matador lança sangue, ou por antipatia natural, ou porque Deos assim o quer, que hey de dizer, vendo que o cadaver da veneranda Madre, estando no coro com as veas rasgadas, não lançou pingo de sangue, & no Capitulo diante do seu Christo, lançou sangue em quantidade, senaõ que elle a matou, porque a quiz levar para si, ou obrigado das supplicas que ella lhe fazia, ou por dar aos seus serviços a coroa? O discurso natural, nenhũa outra cousa me deyxa persuadir, pois a experiencia tem mostrado, que apparecendo o matador diante do cadaver, rompe em fluxo sanguinolento: senão provaloha o mesmo Christo.

Questão he altercada entre os Expositores sagrados, qual seria a razaõ, porque Christo quiz levar hũa lançada no peyto, porque se era para se acreditar de extremoso, havia de levar a lançada estando vivo; & se foy diligencia do odio para saber se Christo estava jà morto, esta diligencia era baldada, porque affirma o Euangelista, que elles muyto bem o sabiaõ, pois diz, que por isso lhe naõ quebràraõ as pernas, (como aos ladrões) porque o viraõ jà morto: *Ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt ejus crura.* Logo a que fim quiz levar a lançada, se nem era necessaria para o exame, nem tambem para a fineza? Varias, & muytas saõ as respostas, & entre ellas a melhor, me parece a da melhor penna da Companhia, porque

Joan 19.

Hie. diz o doutissimo A Lapide, que os Judeos não ignoravaõ estava jà Christo morto, mas que quizeraõ mostrar com evidencia a todos os mais assistentes, que Christo estava jà despojo da morte: *Latus perfoderunt, ut plenè omnes viderent eum esse mortuum.* Venero a authoridade do Douto, mas pergunto: Em que se vio aqui plenamente a morte de Christo? Agora responderey eu o que entendo. Quem via a Christo crucificado depois de lhe darem tantos martyrios, dizia que Christo morrèra às mãos do odio; porèm Christo disse por David, que elle morrèra às mãos do amor, porque disse que o seu Psal. 30. coraçaõ tivera as semelhanças de homicida: *Factus sum tanquam mortuus à corde.* Para tirar esta duvida, era necessaria prova, & assim para averiguaçaõ deste ponto, quiz Christo lhe abrissem o peyto, porque entaõ se havia de saber quem fora o matador. Abrio-se a Christo o peyto, ficou o coraçaõ manifesto, & o sangue, diz o Texto, logo começou a correr, para que se conhecesse quẽ fora o matador, pois se à vista deste o sangue corre, não dando o corpo morto sangue, vendo-se este correr, quando o coraçaõ se chegou a manifestar, ficava a verdade provada, que o coraçaõ fora o homicida: *Unus militum lancea latus ejus aperuit: factus sum mortuus à corde: continuò exivit sanguis.* Agora digo assim: Se à vista do Senhor do Capitulo correo sangue liquido de Soror Leonor do Sacramento, como naõ direy eu, que aquelle mesmo Senhor a matou, se só à sua vista o sangue correo? Assim parece se póde dizer.

Mas que venho eu a dizer nisto? Muyto, porque da sua predestinaçaõ he hum grande argumento. Eu me declaro. Ha hũas creaturas a quem Deos mata, ha outras, que as mataõ as suas culpas; disse-o David: *Viri iniqui non dimidiabunt dies suos.* Aquelles pois a quem as culpas mataõ, saõ os que se perdem; & aquelles a quem Deos mata, saõ os que se salvaõ. Aquelle mesmo Senhor o ha de comprovar com o que disse, instruindo-nos a todos do modo com que o haviamos de receber: *Non sicut manducaverunt Patres vestri manna, & mortui*

*tui sunt.*Disse, que o não recebessemos sacramentado, assim como recebèraõ os Israelitas o mannà no deserto, porque todos ficàraõ mortos.Pois os que recebem dignamente aquelle Senhor naõ morrem? He certo, porque todos acabaõ. Como logo só diz, que os que comèraõ do manà morrèraõ, se a consequencia que dahi se segue, he que os que o commungaõ naõ morrem? He o caso,que aos Israelitas no deserto matou-os o seu peccado; porèm aquelles que dignamente commungaõ,dàlhes a vida aquelle mesmo Senhor, que lha tira, & se a estes, porque Deos os mata, dà Deos hũa vida eterna: *Qui manducat hunc panem,vivet in æternum*, aquelles, porque pelas suas culpas morrem, infallivelmente se condenaõ; & assim deve isto ser; porque se aquelles que por suas culpas morrem, acabaõ em odio de Deos, como se haõ de salvar? He impossivel; & se aquelles a quem Deos mata, morrem nos braços de Deos,como se haõ de perder? não he consideravel,pois com elle acabaõ taõ unidos, que parecem identificados: *In me manet, & ego in illo.* Logo se às mãos do seu Esposo morreo Soror Leonor,quem duvida,que se havia de salvar? & q̃ nesta ditosa morte, havia de segurar a eterna vida? Assim piamente se deve crer,especialmente sendo na emulaçaõ das finezas do seu Esposo taõ empenhada, que em tudo teve com elle semelhanças, não só na vida,(como jà estão provadas) senão tambem depois da morte,em que parece houve tambem emulação nas maravilhas.

Depois de Christo morrer, diz o Euangelista, que muytas almas que assistirão ao espectaculo,se virão contritas pelo arrependimento: *Qui aderant ad spectaculum,revertebantur percutientes pectora sua*; & na morte de Soror Leonor se reformàrão não só muytas Religiosas deste Mosteyro com universal assombro, senão muytas pessoas de fóra, pelo que lhes chegou aos ouvidos. Se na morte de Christo ficou com vista hum Longuinhos cego, na morte de Soror Leonor hum moço, que tinha perdida a vista de hum dos olhos, ficou com elles perfeytos, implorando o seu auxilio deste modo. Senhor,(disse

elle a Deos nesta Igreja, ouvindo o que se dizia da serva de Deos) se he certo o que dizem desta vossa serva, & a sua alma està logrando da vossa gloria, della terey eu a mayor certeza, se por intercessaõ sua me restituires a minha vista. Isto disse o cego à noyte, & achouse com a vista perfeyta pela manhã. Se da sepultura de Christo disse Isaías, que havia de ser gloriosa pelas maravilhas que nella succedèrão: *Erit sepulchrum ejus gloriosum;* a sepultura de Soror Leonor pareceo gloriosa, porque se vio nella hũa notavel maravilha. Havia annos que hũa Abbadeça virtuosa deste Mosteyro, vendo a casa do Capitulo notavelmente desaceada, com os effeytos que costumaõ as andorinhas fazer em muytas casas, lhes mandou debayxo de preceyto, que não entrassem mais naquelle Capitulo. Obedecèrão, porque nunca mais alli entràrão: porèm na occasião em que levàrão o corpo da veneravel Madre ao Capitulo para o sepultar, as andorinhas desterradas entràraõ todas, & estiverão cantando em quanto durou o Officio da sepultura, o qual acabado, desapparecèrão as andorinhas, & não se virão mais no Capitulo. Muyto se podia aqui dizer, mas na brevidade de hum Sermão, nem tudo se póde ponderar, & assim ficarà o caso à consideração de cada hum. Finalmente na morte de Christo dividirão-se as suas roupas como reliquias, ficando só a tunica inconsutil inteyra; & na morte de Soror Leonor, como reliquias se dividirão as suas roupas, & só se conservou inteyro hum gibão, que se conserva no Mosteyro por admiração, porque mais parece artefacto para martyrio, do que vestido para o corpo. (Oh se neste tempo se usára esta moda, quanta gente seria Santa?) Porèm se o seu Esposo sacramentado disse, que queria hũa memoria continua dos seus tormentos: *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*; não he muyto, que Soror Leonor trouxesse o corpo tão mortificado, com a consideração do que padeceo o seu Esposo, hũa vez que ao seu Esposo vivia o seu espirito unido: *In me manet, & ego in illo.*

Hũa acção de graças era logo necessaria, & esta devida

àquelle Senhor naquella Mesa; porque de semelhantes portentos, só aquelle mesmo Senhor he desempenho gratulatorio. Cuydo que David o deyxou declarado: *Quid retribuam Domino pro omnibus quæ retribuit mihi? Calicem salutaris accipiam*: Que hey eu de dar a Deos (disse ella) por tudo o que me tem dado? que meyo poderà haver para gratificar os seus beneficios? Eu confesso não acho outro, senão recebello sacramentado: *Calicem salutaris accipiam*. Pois nisto pàra o seu agradecimento? Não, mais algũa cousa diz ha de fazer, que he cumprir os votos que tinha feyto: *Vota mea Domino reddam*. E quaes erão? O meu Hugo diz, que erão os mesmos que faz hum Religioso: *Votum paupertatis, votum continentiæ, votum obedientiæ*, & em cumprir estes votos, & receber o caliz consistia todo o agradecimento; porque este caliz bebido era o mesmo que hũa correspondencia aos tormentos, que por nosso amor havia de padecer Christo, como disse o novo Tertulliano: *Retribuam illi cruciatum pro cruciatu, dolorem pro dolore, sanguinem pro sanguine, mortem pro morte*. E não fez isto tudo Soror Leonor? Certo que tudo isto fez, pois ella cumprio os votos de Religiosa neste Mosteyro, ella padeceo os mayores tormentos, & as mayores doenças, & dores, conformando-se muyto com a vontade do seu Esposo: ella deu por seu amor o sangue, não só nas disciplinas em quanto viva, mas ainda deu sangue depois de morta; finalmente ella parece deu morte por morte, porque de trinta & tres annos de professa largou a vida, contando só por annos de vida, os que teve de Religiosa. Logo a sua acção de graças pelos beneficios recebidos, havia de ser àquelle Senhor sacramentado com este applauso festivo, supposto que dos beneficios, he elle o melhor desempenho: *Quid retribuam Domino pro omnibus quæ retribuit mihi? Calicem salutaris accipiam.*

Pl. 115.

Tom. 3. fol. 102.

Creyo que està desempenhada a empreza, porque a emulação das finezas està provada; porèm falta hũa grande circunstancia, que he digna de toda a nota; & he, que fazendo a vene-

veneravel Madre esta promessa, de applaudir aquelle Senhor sacramentado com todas as demonstrações festivas, deyxou passar tantos annos sem a satisfazer, (sendo que em muytas que fez sempre se experimentou pontual) & não me deu pouco em que entender, a causa que haveria para a veneranda Madre faltar: porèm lendo o capitulo trinta dos Numeros, pareceme que descobri nelle a causa: *Mulier quæ est in domo patris sui, si quidquam voverit (si pater tacuerit, voti rea erit) si autem contradixerit pater, vota irrita erunt, & non tenebitur sponsioni.* A mulher (disse Deos a Moysés) que estando em casa de seu pay, prometter, ou votar algũa cousa a Deos, se o pay consentir na promessa, ficarà à satisfaçaõ obrigada; porèm se o pay naõ consentir, ficarà desobrigada da promessa. Esta era a determinação da Ley antiga. Agora jà entendo a causa, porq̃ Soror Leonor devia de faltar à promessa. Naõ foy esta de fazer àquelle Senhor sacramentado hũa festa com a mayor pompa? hũa festa com toda a magnificencia? hum applauso festivo a todo o custo, & dispendio, se ella aqui professasse o estado Religioso? Assim foy. Não ficou ella pela profissaõ filha de meu Serafico Padre S. Francisco? He certo. Agora digaõ-me, se consentiria o Pay pobre por antonomasia, q̃ hũa filha sua fizesse taõ consideraveis despezas? Parece que naõ; porque se o mesmo Christo por ser pobre, querendo celebrarse sacramentado, commetteo as despezas, & ornatos a hum homem nobre, & rico, só a fim de dar o exemplo: *Ipse ostendit vobis Cœnaculum grande stratum*: meu Serafico Padre, que o imitou na pobreza, naõ havia de querer, que Soror Leonor fizesse festa taõ custosa; & assim à imitaçaõ do seu Esposo, commetteo este desempenho a hum amante sobrinho, que sem reparo em despezas, & com generosidade de Cavalheyro, fez a festa com o luzimento, que testemunhão os nossos olhos. Logo naõ faltou a veneranda Madre em satisfazer; o Pay que venerava, & imitava, foy o que a fez faltar, porque naõ quebrasse a Ley, quando aliàs lhe naõ faltava, quem por ella a podia satisfazer, & com tanto esplendor;

Num. 30.

dor; mas tudo bem empregado, porque ao mesmo passo que este Cavalheyro desempenha hoje a promessa, a si mesmo tambem se acredita; pois no tablado desta Corte transmontana, ninguem faz mais honrado papel, que a sua Pessoa. O lugar me explicarà.

De dous grandes banquetes nos dão noticia o Euangelista S. Mattheos, & o Euangelista S. Lucas, & sendo o banquete o mesmo na opinião de muytos, & de meu Doutor Angelico, saõ muy desiguaes os creditos daquelles que os fizerão; porque o que refere S. Lucas, diz que o fizera hum homem ordinario: *Homo quidam fecit cœnam magnam*; & o que refere S. Mattheos, diz que o fizera hum Principe magnifico: *Homini Regi, qui fecit nuptias.* O que supposto, pergunto: Por ventura nestes banquetes, os manjares forão de differentes qualidades? Não; porque como jà disse, os guizados forão os mesmos. Pois se forão iguaes, & abundantes, como diz S. Lucas, que quem deu o primeyro, foy hum homem ordinario: *Homo quidam?* & o segundo diz S. Mattheos, que o deu hum Principe generoso: *Homini Regi?* He o caso, que o primeyro homem (& na condição segundo) fez o banquete por obrigação propria com que se achava; & o segundo (na qualidade primeyro) fez o banquete, & a despeza por respeyto de outro; porque o fez por amor de hum filho: *Fecit nuptias filio suo*; & fazer despezas por empenho proprio, isso acha-se em qualquer homem ordinario: *Homo quidam*; porèm gastar, & dispender pelo desempenho alheyo, isso só o faz quem he Principe, quem tem animo generoso: *Homini Regi, qui fecit nuptias filio suo.* Não applico o lugar, porque não necessita de applicação. Concluo só com dizer, que o festejo não só fica com creditos grandes, senão tambem com grandes interesses; porque se a veneranda Madre lhe prometteo a elle, que vendo-se diante de Deos, lhe não havia de faltar com a intercessaõ mais empenhada, agora o farà melhor, vendo desempenhada a sua promessa,

& he de razão, que a quem lhe deu tão primorosa satisfação na terra, dè tambem satisfação à palavra Leonor do Sacramento là na gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

LAUS DEO,

Beatissimæ Virgini, dulcissimo Sponso, Angelicoque Magistro.